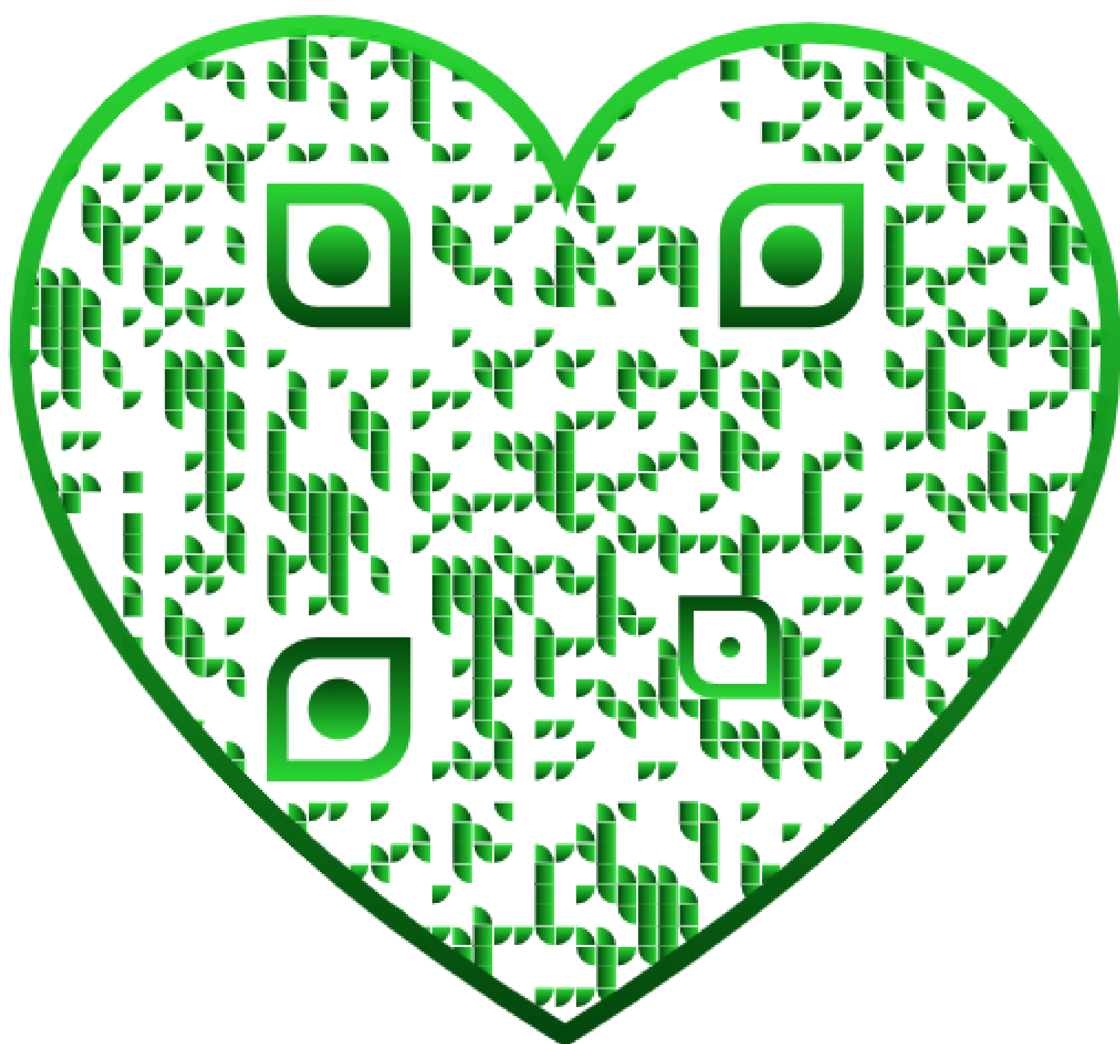
VIDAS NA NOITE



Uma antologia de contos de

Aione Simões



Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website



Uma antologia de contos de

Aione Simões

VIDAS NA NOITE

Copyright © 2018 Aione Simões

Edição: Mari Dal Chico

Revisão: Grazi Reis

Capa: Lívia Martins sobre template de Digital Goods

Diagramação digital: Increasy - Consultoria Literária

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

Capa
Título
Pesos e medidas
Os habitantes do 9º
Gatilho
Domado descontrole
O começo de tudo
Sobre a autora

Pesos e medidas



“Birds flying high you know how I feel

Sun in the sky you know how I feel

Breeze driftin' on by you know how I feel”

FEELING GOOD, Nina Simone

Esta está sendo, oficialmente, a pior noite da história.

Sei que não é nada gentil dizer isso da comemoração de aniversário de sua melhor amiga, ainda mais quando ela passou as últimas semanas preparando este momento — e não falando de mais nada além dele.

Mas é oficial. Eu, Camila Moreira, declaro que a noite está um completo desastre.

O pior de tudo: eu sabia que seria assim. E tentei alertá-la, em vão.

Teria sido muito melhor se tivéssemos ficado em casa, como sugeri, pedido uma pizza e assistido aos lançamentos da Netflix como costumamos fazer. E é claro que eu teria dado um jeito de levar um pouquinho de vodka escondida para deixar as coisas mais divertidas; afinal, de que adianta ter uma irmã maior de idade disposta a colaborar e não se aproveitar disso?

Mas ok, esse seria meu aniversário ideal — e foi exatamente o que fiz quando completei meus dezessete.

Porém, é do aniversário da Gabi que estamos falando. E ela não sou eu.

É claro que ela estava empolgada para comemorar no bar do tio. Ela mal acreditou quando ele concordou em abrir o estabelecimento mais cedo, desde que tudo estivesse acabado às 22h, quando o local costuma abrir para o público, e que nada alcóolico fosse servido.

Gabi ficou eufórica desde então. Porém, por trás de seu entusiasmo, enxerguei também mais alguma coisa. Receio, talvez. Ela comprou um vestido novo e o experimentou tantas vezes que a peça até perdeu o brilho de novidade para mim. Ela queria se certificar de que ele estava realmente bom, que estava ajustado nos lugares certos. Mas meus comentários para tranquilizá-la não adiantaram de nada. Ela encontrava um defeito diferente a cada vez que se olhava com a roupa.

Agora são quase 21h, estamos aqui desde às 19h30, e só meia dúzia de pessoas

compareceu.

Gabi não para de olhar o celular. Usa o aparelho para ver o próprio reflexo, para conferir se está arrumada o suficiente. Ao mesmo tempo, fica se torturando com a passagem dos minutos e esperando notícias *dele*. Porque, no fundo, sei que essa é sua maior preocupação.

Ela queria fazer essa festa para chamar a atenção das pessoas da nossa sala? Queria. Ela queria fazer isso em uma tentativa de se enturmar? Queria. Mas não queria tanto essas coisas quanto impressionar Luiz. Porque impressioná-lo seria um reforço sobre sua própria imagem.

E ele nem deu satisfação.

Gabi fez o convite há duas semanas. Começou a comentar com as pessoas na escola, como quem não quer nada, lutando contra sua extrema timidez para isso. Depois, criou um grupo no Facebook e ficou atualizando o celular de cinco em cinco minutos para ver quem havia confirmado presença. Quando percebeu que as pessoas não estavam respondendo com a mesma empolgação que ela esperava, colocou o celular de lado, pulando a cada vez que o aparelho emitia um bipe de notificação.

Algumas pessoas comentaram no post do evento, até interagiram. Mas ele mesmo nunca apareceu por lá, nem ao menos para marcar se compareceria ou não. Então Gabi, mais uma vez, criou coragem e perguntou diretamente. Esperou estar perto dele na aula de Educação Física, ajeitou o uniforme e falou antes de se arrepender.

Vi a reação dele. Vi que ele foi educado quando respondeu que tentaria ir, mas sem expressar muito entusiasmo.

Só que quando ela veio me contar, o sorriso de orelha a orelha, disse que ele pareceu feliz com o convite. E que deu certeza de que viria.

Então, é claro que ela está frustrada. A noite não está nem perto de ser o que ela tinha idealizado.

Queria fazer algo para mudar. Queria que ela entendesse que não precisa de nenhuma dessas pessoas. Mas não posso. Tentei evitar o desastre e tudo que consegui foi fazer com que discutíssemos. Ok, não foi apenas pelo aniversário que acabamos nos desentendendo, mas foi a comemoração que originou o assunto.

Agora está esse clima pesado entre a gente. Estamos falando uma com a outra por meias palavras, medindo o que dizer, tomando cuidado.

Que droga, essa é a Gabi! É minha melhor amiga desde a quinta série, a pessoa que frequenta tanto minha casa que já tem um pijama seu por lá para quando precisar. Nós não usamos meias palavras uma com a outra.

As pessoas que vieram estão se divertindo, aproveitando a noite e o fato de terem um bar só para elas. Tiraram inúmeras fotos, fizeram *stories* e mandaram vídeos para quem não veio, causando inveja por estarem onde estão.

E, sério, acho legal elas estarem curtindo, elas não estão fazendo nada de errado. Exceto que não estão nem aí para a Gabi.

Sendo justa, não é como se elas estivessem nos destratando ou algo do tipo. É só que nós

não somos amigos, apenas colegas de classe, então não tem clima nenhum para rolar uma interação de verdade entre a gente.

E até tentamos. Quando Larissa, Matheus e Bianca chegaram, ficamos sentados juntos, puxando assunto. Porém, a situação foi ficando cada vez mais constrangedora conforme ficava claro que *não havia* assunto.

Então um novo grupo chegou, cumprimentou Gabi e logo todos se enturmaram entre si, deixando a nós duas de lado. Um copo misturado com óleo e água não ficaria tão nitidamente separado como estamos agora.

Se fosse outra noite, se fosse outra situação, talvez não ligássemos. Quer dizer, sei que Gabi se importa mais do que eu por não sermos próximas das pessoas mais populares da escola, mas ela estava contando com esse aniversário para mudar isso.

Aliás, ela estava contando com esse aniversário para mudar muita coisa.

Gabi colocou na cabeça que fazer dezessete anos seria seu ponto de virada. Ela deixaria para trás a garota tímida, deixaria para trás a garota gorda, porque colocaram na cabeça dela que há um problema em ser cada uma dessas coisas.

E ela vem tentando alcançar esse ideal imposto, o que me deixa assustada. E culpada.

Por que, sério, como não percebi antes o quanto minha melhor amiga se sente tão incomodada sendo quem é?

Talvez por não viver o que ela vive, a ideia nunca tenha me ocorrido. Mas sei que não é só isso. Gabi é tão incrível para mim que jamais passou pela minha cabeça que ela não vê a mesma coisa.

Queria que enxergasse como é inteligente, como faz sempre os melhores comentários a respeito de qualquer coisa. Gabi opina sobre política e sobre o último episódio da novela com a mesma propriedade, e faz observações tão sagazes e divertidas que ainda fico perplexa em como ela desaparece quando está na frente de pessoas desconhecidas. Queria que enxergasse a própria beleza, como ela brilha sendo simplesmente quem é. Acima de tudo, queria que visse sua timidez e seu sobrepeso como quaisquer outras de suas características e não como defeitos abomináveis como a fizeram acreditar que são.

Meu devaneio é interrompido quando a garçonete, que está nos atendendo desde o início da noite, chega com uma porção de fritas. Pela expressão de surpresa de Gabi, deve ter sido um dos pratos que o tio deixou pago para nós.

A garçonete coloca o prato em cima da mesa e se afasta, desejando bom apetite.

As batatas são recobertas com queijo derretido e bacon. Estão tão quentes que o aroma adentra minhas narinas junto do calor que emana delas e imediatamente faz minha boca se encher de água. Sou diabética e não posso abusar de coisas assim, mas sei que algumas batatas não vão me fazer mal. Tomo meus remédios e cuido da minha alimentação, então posso me dar o luxo dessa extravagância.

Não demoro a pegar uma e, assim que a coloco na boca, sinto a crocância exatamente como imaginei que seria.

O grupo disperso ao nosso redor voltou a se reunir e agora ataca a porção com a mesma vontade que eu.

Mas Gabi permanece imóvel.

Vejo em seu olhar um misto de emoções: ela trava uma luta consigo mesma.

Percebo que ela quer comer, mas, ao mesmo tempo, algo a impede. Ela olha para as batatas e desvia o olhar para voltar a encará-las no instante seguinte. Ela quer, mas acha que não deve.

Exatamente por atitudes como essa, somadas a outras que pouco a pouco passei a perceber, é que acabamos deixando a situação tensa entre nós.

De uns tempos para cá, Gabi passou a falar demais do próprio peso. No começo, achei que fossem reclamações habituais da boca para fora, comentários feitos de forma quase que irrelevante. Mas eles passaram a ser mais incisivos. Mais carregados.

Aos poucos, passei a notar que ela recusava alimentos que, antes, teria aceitado de bom grado, como bombons ou mesmo sorvetes que costumávamos tomar saindo da escola. Achei estranho, mas não pensei muito mais a respeito. Na minha cabeça, ela talvez só não estivesse com vontade de comer, inclusive porque alegava já ter comido e que estava sem fome.

Então suas preocupações com emagrecer começaram a ficar frequentes e mais obsessivas. Gabi começou a mencionar dietas diversas, métodos aleatórios de perda de peso... E de fato, começou a emagrecer. Muito. E muito rápido.

Fiquei preocupada, achando que, talvez, pudesse ter algo de errado por trás disso tudo.

Até o dia que estávamos em sua casa, na semana passada. Enquanto ela foi ao banheiro, sua mãe comentou sobre eu e Gabi termos almoçado juntas. Só que ela não havia almoçado comigo.

Olhei para tia Ângela sem entender, até perceber que minha amiga havia mentido para a mãe. Ela estava sem comer aquele dia e, provavelmente, vinha mentindo para nós há tempos.

Disfarcei o espanto e, na primeira oportunidade, fiquei sozinha com Gabi para conversar. Não queria jogar minhas suspeitas para sua mãe sem antes falar com minha amiga.

Quando ela começou a comentar sobre o aniversário, toquei com cuidado no assunto dela estar se importando demais com os convidados. Ela respondeu na defensiva, dizendo que só queria comemorar seu dia de forma diferente, queria se aproximar de pessoas que achava legais.

Respondi que entendia e tentei explicar que estava apreensiva. E cometi o erro de tocar no assunto da alimentação.

Gabi se transformou. Disse que eu estava doida e que ela só vinha se preocupando com sua saúde, que estava mais atenta ao próprio corpo e que queria cuidar dele.

Não insisti, duvidei de mim, com receio de ter suspeitado da minha amiga e enxergado o que não existia. Tive medo de ter exagerado.

Mas quanto mais penso no assunto, mais acho que tenho razão.

As atitudes de Gabi não têm nada a ver com saúde. Aliás, estão caminhando para o lado

oposto.

E volto a me perguntar: como nunca percebi que seus comentários despretensiosos sobre seu peso carregavam um incômodo real?

— Hey — falo puxando assunto, em uma das muitas tentativas desta noite —, pega uma batatinha. Tá bem gostosa!

— Não quero, Camis, valeu. Tô sem fome.

— Mas você não comeu a noite toda.

Gabi revira os olhos. Já está se colocando na defensiva.

Preciso mudar de estratégia.

— Sei que a noite não está sendo o que você queria — começo, falando mais baixo para que ninguém nos escute. Porém estão todos tão entretidos nas próprias conversas que ninguém presta atenção em nós. — Eu sinto muito por isso. Mesmo.

— Não precisa agir assim. Sei que você preferiria nem ter vindo — responde, magoada.

— Não é isso, Gabi. É claro que eu comemoraria seu aniversário onde quer que você decidisse. Eu só achei que você estava dando muita importância para quem não retribuiria na mesma moeda e fiquei com medo de você se magoar. Fiquei com medo de você querer essa comemoração pelos motivos errados. Eu só me preocupei com você, de verdade!

Gabi respira fundo e vejo seus olhos se encherem de lágrimas. Ela está chateada e sabe que estou sendo sincera. Sabe que tenho razão.

— Eu sei — responde baixinho. — Obrigada por cuidar de mim.

Sinto o alívio me invadir pelas barreiras entre nós finalmente estarem cedendo. Mas ainda é cedo para comemorar.

— Sempre vou cuidar de você. Assim como você cuida de mim.

Ela sorri. Aproveito a abertura e continuo:

— Posso perguntar uma coisa? — Quando ela assente, continuo. — Você realmente está sem fome?

Vejo Gabi hesitar.

Percebo que ela está pensando no que dizer, parte dela querendo se abrir, parte dela com medo.

Seguro em sua mão por cima da mesa para dar apoio.

Encorajada, ela continua:

— Sinceramente? Não faço ideia. Acho que já me acostumei a não sentir fome, quase como se eu me programasse para isso, como se eu não pudesse querer comer.

— Ah, Gabi. Não faça isso com você, por favor!

— Você não entende. Você é magra. Você não sabe o que é receber os olhares que recebo, não sabe o que é viver com as pessoas comentando o que você deve ou não comer porque é perigoso que você engorde mais. Não sabe o que é ter dificuldade de encontrar uma roupa que você gostou porque não tem no seu número, ou de sentir que é um incômodo

quando divide um assento com alguém em um ônibus. Não sabe o que é se sentir julgada por estar comendo a mesma coisa que todo mundo ao seu redor, mas sendo a única recriminada por estar acima do peso.

Essa é a maior das ironias. Gabi é gorda e completamente saudável, seus exames clínicos são invejáveis. Já eu sou magra, mas diabética desde que nasci. Sou eu que devo controlar minha alimentação. Porém, enquanto as pessoas regulam o que minha amiga deve comer, elas me incentivam quando recuso e ainda complementam: “Você pode, você é magra”.

Na verdade, nem sempre posso. E meu peso não tem nada a ver com isso.

— Sei que você tem razão — respondo. — Eu realmente não sei o que você vive, mas posso imaginar o quanto te machuca. E eu detesto isso, Gabi, porque é errado, não deveria ser assim. Só quero que você entenda uma coisa: eu não quero que você seja gorda se você não quiser isso. Eu não quero que você não procure formas de mudar seu corpo se a mudança é o que você quer e o que vai te fazer bem. Eu só quero que você faça isso de forma saudável. E que entenda que não tem problema em ser como você é agora. Assim como não tem problema se você descobrir que não precisa emagrecer como acha que deve. Você é gorda, eu sou magra. Você é ótima em história e matemática, eu sou ótima em atletismo. Você canta bem, eu falo bem inglês. Você é loira, eu sou morena. São só características, Gabi, aspectos diferentes de nós mesmas que não precisam ser opostas. Não é porque um aspecto de uma é bom que o da outra é ruim. Os diferentes podem coexistir como bons, cada um a seu modo.

Ela me olha com pesar e sei que quer acreditar no que digo. Mas, por enquanto, essas ainda são ideias insuficientes para destruir os anos de pensamentos nocivos introjetados nela, por mais lógicas que pareçam.

— Olha — pego uma batata —, isso aqui é só uma batata frita. Não é um veneno. Não vai me matar se eu comer. Ela é só isso, um alimento e você não deveria vê-la como uma inimiga. Come uma comigo? Vamos fazer isso juntas?

Gabi balança a cabeça com força, negando. Se antes seus olhos estavam cheios de lágrimas, agora elas transbordam. Minha amiga está em completo desespero por causa de uma batata frita e meu coração se parte em pedacinhos por ver isso acontecer.

Se as pessoas da escola ao nosso redor reparam no que está acontecendo, disfarçam. Mas não me importo, a não ser que isso vá fazer Gabi se sentir ainda mais intimidada.

Continuo com o braço estendido, oferecendo a batata, até aceitar que ela não vai comê-la. Há algo mais forte a impedindo e não será uma simples conversa que resolverá a situação.

Abaixo o braço, reconhecendo a batalha perdida. Mas sei que fizemos avanços: Gabi se abriu comigo, o que não havia acontecido ainda.

Ela também parece perceber que nos reaproximamos e uma nova dose de confiança foi injetada entre nós. Mais do que tudo, Gabi deu um passo em direção a reconhecer o próprio problema.

— Não é certo eu ficar assim por causa de uma batata, né? — A voz chorosa, mas buscando uma dose de diversão para encorajá-la no que está dizendo.

— Não, Gabi. Não é.

Ela assente. E respira fundo mais uma vez, em busca de forças.

— Acho... — Engole a saliva, tentando continuar. Fecha os olhos e abaixa a cabeça. — Acho que preciso de ajuda.

Pronto. As palavras finalmente foram ditas.

Levanto de onde estou e contorno a mesa, abraçando Gabi para confortá-la.

— Tá tudo bem. Todos nós precisamos de ajuda em algum momento. E eu estou sempre aqui para você. Vou e quero te ajudar, mas vamos precisar de outras pessoas também. Vamos começar por sua mãe, pode ser? Ela vai saber o que fazer e onde encontrar outras formas de auxílio, como uma nutricionista e, quem sabe, um psicólogo.

Os olhos de Gabi se arregalam. Sei que a perspectiva a assusta.

— Vou estar com você o tempo todo. Vai dar tudo certo. Vamos fazer dar certo.

Ela concorda. E sei que quer tentar.

Acho que eu estava errada.

Talvez, esta noite desastrosa tenha sido justamente aquilo de que precisávamos para colocar as coisas no lugar.

Os habitantes do 9º



“Sleep in peace when day is done

That's what I mean”

FEELING GOOD, Nina Simone

No meio do caminho entre a casa de Carlos e o apartamento de Cássia, havia um bar. Precisando de um trago, entrou.

Agora, sentado no balcão e sorvendo aos poucos a dose do whisky mais barato que seu dinheiro pôde comprar, Carlos refletia sua decisão. Ou melhor, torturava-se com ela, pensando e repensando a difícil escolha a que fora submetido.

Estava tudo pronto para sua mudança. Finalmente dividiria o mesmo teto — e cama — que a namorada, e estaria parede a parede com o melhor amigo. Cássia e Bruno cresceram juntos e tornaram-se colegas de apartamento logo após o término da faculdade, quando conheceram Carlos. Desde então, o trio se tornou inseparável, sobretudo quando Carlos começou a sair com Cássia quase um ano após se conhecerem. Bruno incentivou o casal, dizendo que não poderia haver alguém melhor para estar ao lado da amiga, que enxergava como uma irmã. Carlos se firmou nesse apoio para afastar o medo de que pudesse haver algo mais entre os outros dois.

Quase outros doze meses haviam transcorrido desde então e a seriedade do namoro trouxe o convite de Cássia. Por que não morarem juntos? Seria mais prático, já que Carlos trabalhava perto, e ela e Bruno estavam mesmo precisando de mais alguém para dividir as contas. Argumentos racionais que eram apenas justificativas para a vontade de estarem ainda mais tempo um ao lado do outro.

Pelo menos, fora nisso que acreditara. Agora, não sabia de mais nada.

Beatriz, sua psicóloga, pensava o contrário. Carlos sabia muito bem, mas recusava-se a aceitar. Ela insistia para que ele refletisse com calma, desprovido das expectativas e receios. Ele falhava miseravelmente.

Mas sabia que ela tinha razão. O que fizeram era imperdoável e nada poderia ser feito em relação a isso.

Carlos sempre se orgulhou de sua convicção de que jamais aceitaria ser traído. Afirmava para quem quisesse ouvir que poderia não ter certeza de muitas coisas em sua vida, mas essa não era uma delas: traição e perdão só combinavam em uma rima.

Até que ele foi. Traído. Em dose dupla. Mortal.

A traição entre Cássia e Bruno matou suas crenças e o mundo em que até então vivia.

Tentaram se explicar. Tentaram se desculpar. Disseram que foi erro de uma noite.

Tentaram.

Carlos sabia que nada mais seria a mesma coisa. Jamais conseguiria olhar para o amigo sem imaginar Cássia em seus braços. Não mais conseguiria beijar a namorada sem cogitar se Bruno teria sentido o mesmo sabor.

Para sempre ficaria na dúvida se a traição poderia acontecer mais uma vez. Nunca deixaria de se perguntar se o caso datava do passado e ele apenas descobrira agora.

Sentia-se ingênuo. Sentia-se a mais estúpida das criaturas.

Sentia-se miseravelmente triste.

Talvez tenha sido a força com que segurou o copo ou a dor que surgiu em seus olhos. Jamais saberia. O fato é que a garçonete lhe ofereceu uma nova dose. Talvez elas fossem treinadas para perceber quando os clientes precisavam da ajuda etílica.

O gole renovado queimou sua garganta, mas não mais do que as chamas do inferno em que vinha vivendo o incendiavam dia após dia.

Porém, isso estava para acabar. Carlos não poderia mais continuar assim.

Com dificuldade, revelara à terapeuta, apenas algumas horas antes, sua decisão. Beatriz o olhara com bondade e balançara a cabeça em concordância. O término, que relutara em aceitar apesar de tudo, era o mais sensato a se fazer.

Cássia havia tido a pachorra de dizer que o convite para morarem juntos continuava de pé. Carlos havia tido a fraqueza de considerar a ideia. Era tão apaixonado que chegou a pensar em fazer o que sempre dissera que jamais faria apenas para preservar a namorada ao seu lado. Na verdade, lutava contra o certo e a ilusão da vida que até então levavam.

Sabia que seu desejo mais profundo era uma loucura. Não poderia ele também trair-se dessa forma.

Queria mesmo é que nada disso tivesse acontecido. Contudo, não havia como fugir da realidade e agora restava a Carlos lidar com ela.

Tirou do bolso a chave que Cássia lhe entregara. Segurava o objeto quase que em uma tentativa de sentir as mãos da dona.

Podia visualizar o dia que a peça lhe fora dada. Cássia sentada do outro lado da mesa do restaurante onde combinaram de se encontrar, a cabeça baixa, envergonhada demais para olhá-lo nos olhos. Carlos pedira que ela lhe devolvesse suas coisas, deixadas no apartamento que quase fora seu. Ela estendeu a caixa por cima da mesa e, por cima dela, a chave brilhou. A visão do objeto inesperado fez Carlos vacilar e sua mão tremer. A caixa virou, espalhando pelo chão seus pertences. Recolheu tudo com pressa, ainda atordoado com o que a chave

representaria, e quase rasgou seu exemplar surrado de *A Divina Comédia*.

— Pensa na ideia — pediu, a voz quase falhando. — Não vale a pena jogar tudo fora por causa de um erro.

Carlos fechou o punho com a lembrança, o pequeno objeto metálico machucando a parte interna das mãos pela força com que foi apertado.

Que Cássia tivesse pensado nisso antes de abrir as pernas para outro. Agora era ele quem deveria engolir?

Foi isso o que lhe deu forças para continuar.

Terminou a bebida em um só gole e ficou de pé em um só movimento.

Acenou para a garçonete, que retribuiu com a cabeça a despedida.

Quitava a comanda no caixa sem se dar conta do que fazia, o coração agora batendo forte no peito pela expectativa.

Seu destino final não era tão distante dali. Poderia chegar após alguns minutos de caminhada. Aproveitaria o trajeto para esfriar a cabeça — mas não a decisão.

Era um alívio saber que logo tudo acabaria, que estaria livre dessa tormenta. Terminado de vez o namoro, nunca mais queria olhar para a cara da ex-namorada e do ex-amigo.

Ao colocar os pés na calçada, o sopro da liberdade o atingiu no rosto e Carlos não pôde evitar o primeiro sorriso desde que o inferno começara.

Não que estivesse feliz em ter que terminar em definitivo com Cássia, sabia quão doloroso isso seria. Mas não via a hora de recomeçar e deixar para trás esse triste episódio de sua existência.

Na verdade, não seria apenas o fim que ficaria no passado, mas tudo construído até então, do primeiro ao último beijo, do primeiro momento de expectativa pelo que viria ao último instante de inocência, destruída com um simples “Desculpa”, seguido pelo temível “Dormi com ele” que o assombrara desde então.

Era triste que uma história tão cheia de vida terminasse assim, em cinzas.

Se soubesse do fim quando ainda estava no começo, teria seguido em frente?

A primeira voz foi a preservação, dizendo-lhe que não.

Mas a segunda foi o coração, alertando-lhe para não ser injusto.

Vivera excelentes momentos, que não poderiam ser ressignificados. Fora, também, o que vivera ao lado de Cássia que o transformara em quem agora era.

Para sua surpresa, o peito se encheu de carinho ao lembrar de bons momentos. Na verdade, nenhuma situação específica, apenas a lembrança das gargalhadas de Cássia seguidas de suas próprias e da sensação de que não haveria nada de mais bonito no mundo, nem nada melhor do que aquilo que tinham.

Era bom perceber, agora que a decisão fora tomada, que ainda era capaz de sentir algo de bom pela namorada.

Ex.

Não queria virar alguém amargo, impossibilitado de reconhecer o bem que alguém de tanta importância em sua vida lhe causara. A amargura fora tanta nas últimas semanas que era bom se ver livre dela, nem que fosse por uns segundos.

Aproveitando-se da nostalgia, Carlos se permitiu lembrar. Permitiu-se sentir.

Sorriu e o coração se aqueceu.

É, constatou.

Fora feliz.

Quando deu por si, estava em frente ao prédio, o letreiro formando as palavras Edifício Caína destacando-se mesmo em meio à escuridão da noite.

O portão se abriu de pronto, o porteiro acostumado à chegada de Carlos.

Acenou, como de costume, e rumou para o hall.

As paredes de pedra tão conhecidas ao seu redor o receberam enquanto chamava o elevador.

Ali, observando os familiares números diminuírem cada vez mais, Carlos entendeu a enormidade do que estava deixando para trás.

Tomado de uma repentina ansiedade, soube que não poderia. O erro de uma noite não poderia ser maior que os acertos de uma vida.

Abriu a porta. Apertou o nove.

Estava a caminho do nono.

Estava a caminho do lugar a que enfim pertencia.

Gatilho

“And this old world

Is a new world

And a bold world

For me”

FEELING GOOD, Nina Simone

Não consigo acreditar quando vejo André passando calmamente pela porta. A visão se dá quase que em câmera lenta.

Ele entra no bar. Caminha até uma mesa vazia. Retira a jaqueta. Coloca-a no encosto da cadeira. Senta-se.

E, assim como eu esperava, me vê.

Seu olhar se fixa em mim por alguns instantes, como se tentando ter certeza de que sou eu. Percebo quando enfim me reconhece, pelo aceno discreto que dá com a cabeça.

Meu coração dispara e sinto o sangue congelar nas veias.

Na primeira vez que me arrisco a sair para curtir a noite desde que tudo se deu, encontro logo de cara com o melhor amigo *dele*.

Isso não podia acontecer. Porém, está acontecendo.

Está acontecendo.

Meu corpo treme. Minhas mãos suam. A taquicardia e a angústia mal me deixam respirar. Começo a ficar tonta pela hiperventilação e sinto o calor chegando na altura dos ombros, o que indica que minha pressão está caindo.

Tento controlar o pânico, mas sei que André vai contar para ele que me viu. Vai dizer que estou aqui.

Minha única chance é que ele não faça isso agora, que só deixe para transmitir a notícia depois.

Calma. Eu não estou fazendo nada de errado. Eu posso sair. Ele não pode me machucar.

Repito o pensamento como um mantra, porém forçar uma ideia não convencerá minha mente nem fará meu corpo parar de reagir.

Então lembro das orientações de meu psicólogo e começo a prestar atenção em minha respiração. Se há algo que eu devo tentar controlar, é ela, não o que penso ou deveria pensar.

Inspiro.

Expiro.

Inspiro mais.

Expiro.

Inspiro longamente.

Solto todo o ar.

A tontura diminui um pouco, mas não o aperto no peito. Então, levo a mão até ele, bem entre as costelas e começo a massageá-lo em círculos. Outra dica adquirida na terapia.

Mas não tenho tempo de sentir a angústia amenizar. Porque, quando olho para frente, vejo André digitando algo em seu celular. Mandando uma mensagem, provavelmente. E interrompendo a atividade para olhar em minha direção.

André está contando para ele onde estou.

Agora é apenas uma questão de tempo até que *ele* venha até mim.

Olho para o celular como se ele fosse uma bomba prestes a explodir.

Quase posso visualizar o que está para acontecer.

O tempo congela ao meu redor. Não ouço os sons vindos do bar, não presto atenção a nada além do aparelho imóvel sobre a mesa.

Espero.

Espero.

A luz da tela acende.

Recebi uma nova mensagem.

É dele.

Meu coração bate ainda mais forte. O disparo anterior não é nada comparado às marteladas de agora nem à dor gerada em consequência da rigidez gélida de meu abdômen.

Não quero pegar o telefone, não quero ler sua mensagem. Mas não a ler não mudará o fato de que ela existe.

Penso em ignorar, em deletar sem abrir. Mas e se ele está dizendo que virá até aqui, que quer me encontrar?

Caso eu leia, ao menos tenho a chance de fugir.

Pego o celular. Desbloqueio a tela. Respiro fundo e abro a mensagem.

Ele diz que sente minha falta. Que quer me ver.

Quer saber se estou em casa.

Se eu mentir, ele vai saber. E será horrível.

Se eu falar a verdade, ele vai me condenar. E será horrível.

Não sei o que fazer.

Ele fica online. Sabe que já visualizei.

A pressão se intensifica, porque agora ele está aguardando minha resposta.

Começo a digitar.

Paro. Apago. Reescrevo.

Apago mais uma vez.

Não sei o que dizer.

Talvez o melhor seja não responder.

Recebo uma nova mensagem.

Ele diz que é importante.

Minha mente automaticamente começa a processar as opções. O que ele tem para me dizer que pode ser importante? O que ainda não foi dito?

Não, não posso cair nessa conversa. É assim que sempre começa.

É assim que ele me envolve para depois dar o bote.

Continuo visualizando a tela sem me mover.

Os minutos se passam e não respondo.

Então ele começa a digitar. O que virá a seguir?

Ainda será a versão dele que sente minha falta ou já será aquela que me acusa?

Ele continua digitando.

Meu coração continua disparado.

A mensagem chega.

Ele está chateado por eu não ter respondido ainda. Achou que estaria tudo bem nos falarmos quando sentíssemos vontade. Diz que jamais me ignoraria.

Um misto das duas versões, na dose exata para mexer comigo. A sutil revelação de sentimentos remanescentes por mim. A acusação subentendida.

Não posso ceder. Caso eu ceda, sei o que virá depois.

Mas também sei o que virá se eu não responder.

Não há escapatória.

Tento me acalmar e me manter o mais racional possível. Preciso de cada grama de concentração para não dar nem um passo em falso. Não posso vacilar.

Respondo que não o estou ignorando. Que fiquei surpresa pela mensagem. Que acho que conversar nos machucará ainda mais.

Foi uma boa resposta. Consegui me desvencilhar e dar a entender que me importo com o que vivemos. Espero que seja o suficiente para suprir sua necessidade de conexão comigo.

Não quero outra mensagem, mas sei que ela virá. Então só desejo que ela chegue de uma vez, para que eu não fique nessa ansiedade insuportável imaginando como ela será.

A resposta chega.

Ele acha que já estamos machucados. E que conversar pode aliviar.

Não acredito. *Sei* que só vai piorar.

Eu o conheço. Eu me conheço. E conheço como ele me afeta.

Estar perto dele é estar em perigo.

“O André disse que te viu. Quero te encontrar, Cecília.”

Não. Por favor, não.

Então vejo as palavras que tanto temi.

“Estou indo.”

Preciso sair daqui.

Minha primeira reação é a de que tenho que fugir. Ele não mora tão perto, então tenho tempo.

Mas se eu for embora, e ele chegar e não me encontrar, isso irá enfurecê-lo. Ele vai me bombardear de mensagens e ligações, vai atrás de mim onde quer que eu esteja.

Minhas mãos tremem. Minha boca está seca e a sensação de enjoo me invade.

Não quero vê-lo, não quero encontrá-lo. Meu Deus, quero voltar atrás e apagar absolutamente tudo.

Queria que nunca tivéssemos nos conhecido.

A sensação em meu peito aperta. Sinto as lágrimas arderem em meus olhos e minha garganta fechar.

Quero esbravejar. Quero chorar e gritar e urrar com todas as minhas forças para arrancar a dor de dentro de mim.

Meu corpo inteiro treme. Estou tomada por pavor.

Olho para a porta. Olho para a frente. Volto a olhar para a entrada. Cada olhar é acompanhado pelo medo de vê-lo e da certeza de que isso é o que acontecerá em breve.

Começo a balançar o pé sob a mesa, meu corpo incapaz de permanecer imóvel por mais que eu esteja paralisada na cadeira.

Ele chegará dentro de instantes.

Terei que encará-lo. Terei que encarar suas palavras carregadas de dor e veneno.

Terei que aguentar seu olhar de fúria e mágoa.

Não posso aguentar.

Não posso aguentar.

Não quero aguentar.

Não quero vê-lo. Nunca mais.

Não vou mais conseguir segurar as lágrimas. Elas estão prestes a transbordar.

E, então, alguém se aproxima.

— Você já fez seu pedido?

A garçonete do bar me pergunta com delicadeza.

Faço que não, ainda assustada, e aceito o cardápio que ela me entrega.

— Fique à vontade, me chame quando quiser pedir. — E se afasta.

Levo alguns segundos para perceber que estou de volta de meu devaneio, interrompido pela chegada da garçonete.

Olho para o celular em cima da mesa, de onde não saiu.

A tela está apagada.

Não recebi nenhuma mensagem. Toda conversa com ele não passou de imaginação, da minha mente cogitando o pior cenário possível em decorrência da ansiedade.

Não sei se André falou que estou aqui. Se falou, *ele* não fez nada a respeito.

Estou segura. Estou bem. Nada aconteceu. E pode ser que nem aconteça.

Me deixei levar pelo pânico e troquei a realidade pelos meus maiores temores. Tem sido assim há tanto tempo que não me recordo mais de uma existência sem as crises.

Começou enquanto ainda estávamos juntos.

Sabia que nosso relacionamento não estava indo bem e, mesmo me sentindo cada vez pior, ainda assim me recusei a acreditar que era *ele* que me fazia mal.

Não. Não fui eu que me recusei. Foi ele que me fez acreditar que o problema era comigo.

Que o problema era eu.

No início, tudo era maravilhoso, assim como os começos tendem a ser. Ele era um perfeito príncipe encantado saído de um conto de fadas ou de um romance meloso, e não demorei a me apaixonar perdidamente. Ele me fez acreditar que eu era diferente. De forma sutil, me mostrava que havia outras mulheres interessadas nele, mas que ele havia me escolhido.

O que antes eu achava uma demonstração de como eu era especial, hoje enxergo como início da manipulação.

Assim, a ideia inconsciente de que estávamos juntos por uma decisão *dele*, por vontade *dele*, foi instalada. Sem que eu percebesse, passei a sentir que tive sorte por ele me querer, e não que estarmos juntos fosse uma escolha de ambos. Com isso, fiquei cada vez mais insegura porque, assim como ele passou a me querer ao seu lado, outro dia poderia mudar de ideia e eu perderia tudo. E é claro que ele se aproveitou da situação e me deixou à mercê de seus caprichos.

O passo seguinte foram os desentendimentos. Porém, diferentemente do que se espera em uma relação normal, o problema dos nossos é que ele sempre me deixava com a sensação de ter sido eu a responsável pelo que quer que tivesse acontecido. Eu deveria ser mais cuidadosa com aquilo que pudesse magoá-lo, especialmente porque ele tinha tanto cuidado comigo.

E era verdade, ele era mesmo cuidadoso e atencioso. E fazia questão de ressaltar isso, ainda mais quando a intenção era me mostrar o quanto eu não estava agindo da mesma maneira.

Eu havia errado.

Eu o havia magoado.

Eu não me importava o bastante com ele.

Eu não o amava o suficiente.

Eu não era boa o suficiente.

E então, eu me sentia culpada. Eu realmente havia pisado na bola, poderia ter evitado. Ele era tão bom para mim, o que me custava retribuir?

O que eu não percebia era que eu retribuía. E que, na verdade, ele não era o que eu achava.

Comecei a pisar em ovos. E começou meu ciclo de dependência.

Tínhamos excelentes momentos e isso reforçava meus sentimentos por ele. Então qualquer coisa que o fizesse se sentir minimamente ameaçado transformava-se em acusação de algo que eu havia causado. E ele era tão persuasivo que eu acreditava. Assim, me sentia culpada e queria desesperadamente evitar novos problemas. Sentia-me extremamente insegura, com medo de perdê-lo.

Eu o amava tanto e doía demais quando falhava em demonstrar meu amor.

Não falhava, na verdade. Era ele que reforçava o quanto meus erros pareciam ser falta de amor, porque sabia que era esse meu ponto fraco. Ele sabia que, dessa maneira, continuaria me mantendo sob seu controle.

O medo passou a fazer parte da minha vida. Passou a ser meu companheiro de existência. Eu temia magoá-lo. E temia as consequências de magoá-lo.

Nunca experimentei um olhar tão gélido quanto o seu nesses momentos. A expressão de puro amor e idolatria por mim era substituída por raiva em estado bruto. Era como se meu companheiro desse lugar a outra pessoa, alguém que eu desconhecia. E temia.

Não era como se eu não percebesse o quanto ele era injusto comigo nesses momentos, o quanto ignorava meus acertos e intensificava meus erros. Mas eu justificava suas atitudes dizendo que ninguém é perfeito, que aquele era apenas um defeito, assim como eu também tinha os meus. E, acostumada a acreditar que grandes amores muitas vezes exigem grandes sacrifícios, me esforçava ao máximo para fazer as coisas darem certo.

Tudo mentira.

Ele jamais levantou um dedo para mim. Sequer levantou a voz. Mas me machucou de maneiras muito mais profundas.

Ele destruiu minha mente.

Ele me destruiu.

Mesmo agora, ciente do que aconteceu, ainda não consegui me livrar das consequências de seu abuso.

A prova disso é que sei que não estou fazendo nada de errado, mas estou em pânico com a perspectiva de que ele saiba que estou aqui. Porque, para ele — ou para o que aprendi a esperar dele — eu não deveria estar. Ainda me pego controlando minhas atitudes segundo o que pode ou não agradá-lo. Ainda vacilo, mesmo que não esteja mais em um campo minado.

Fecho os olhos com força ao constatar como tudo ainda está aqui, ainda que a relação não exista mais.

Que droga, não quero que isso me defina. Não quero que isso molde minhas atitudes.

Abro os olhos, tentando me acalmar, tentando aceitar a avalanche de emoções como naturais, como consequências do que foi vivido.

Ele me destruiu, mas eu sobrevivi.

Ele me destruiu, mas estou me reerguendo.

E não vou deixar que ele me afete ainda mais do que já afetou.

Sou forte o suficiente para mantê-lo longe de mim. Eu *posso* fazer isso.

Sem pensar duas vezes, pego o celular.

Abro a agenda até encontrar seu número.

Bloqueio.

Ele não pode me ligar. Não pode me mandar mensagens. Agora nem mesmo em minha imaginação essa é uma possibilidade.

Se ele não gostar quando descobrir, o problema é dele.

Ele não pode mais me machucar.

Domado descontrole



“Oh freedom is mine
And I know how I feel
It's a new dawn
It's a new day
It's a new life
For me”
FEELING GOOD, Nina Simone

“O que você faria se não se importasse com o que os outros pensam de você?”

A frase no muro do outro lado da rua se destaca entre os grafites e me distrai enquanto espero. Ele está atrasado, constato ao olhar mais uma vez a hora no celular.

Penso na pergunta que foi feita a mim de forma indireta. Mas, quando percebo, não estou focando nela e sim na outra formulada por minha mente: me importo tanto assim com o que pensam de mim?

Não, só o tanto quanto qualquer um se importa. Quer dizer, se não nos preocupássemos minimamente com o que pensam sobre nós, qualquer coisa seria possível e o impossível seria viver em sociedade, não é?

Respiro fundo, espantando os pensamentos e me viro para encarar o reflexo na porta de vidro do bar atrás de mim.

Mechas no lugar. Maquiagem bem-feita. Vestido ajustado.

Tudo perfeito, como o planejado. Planejado como sempre.

Comecei a me arrumar exatamente uma hora e quinze minutos antes de sair. Estimar o tempo de que preciso é bastante simples. Hoje, precisaria de vinte minutos para o banho, já que teria que lavar o cabelo, e de outros quinze para secá-lo; de quinze para me vestir — incluindo passar hidratante no corpo e montar o look em si (que na verdade já foi pensado dias antes. Não importa que ele já tenha sido escolhido, a certeza de que é a roupa certa só vem quando ela já está no corpo). Cinquenta minutos contabilizados até então. Outros quinze minutos são dedicados à maquiagem, aos acessórios e aos sapatos; os dez restantes são as folgas entres as atividades e, claro, a chamada do Uber.

Assim, cheguei pontualmente. Como sempre.

Um vento um pouco mais gelado sopra ao meu redor e me sinto arrepiar, o que aumenta minha vontade de entrar. Porém, apenas cruzo os braços para me aquecer e continuo aguardando. Deveríamos ter combinado de nos encontrar lá dentro.

Quando penso em enviar uma mensagem sugerindo a ideia, finalmente o avisto, ao longe, caminhando em minha direção. Ainda não consigo vê-lo em detalhes, mas sei que é ele.

Conforme ele se aproxima, consigo enxergá-lo melhor. Gosto do que vejo.

Ele é mais alto do que supus ao ver sua foto no aplicativo, e se eu o havia achado apenas interessante, agora vejo o quanto a imagem não revelou sua presença.

É isso. Ele tem presença. Estamos a metros de distância um do outro, mas posso senti-la daqui.

Ele amarra uma camisa na cintura enquanto anda e, assim que termina a tarefa, levanta um braço e acena para mim, inclinando a cabeça para o lado. O gesto é simpático e despojado ao mesmo tempo.

Os segundos que levo para me perder ao encarar seus contornos é o que basta para que ele chegue até mim. Sinto sua mão em minha cintura ao me cumprimentar com um beijo no rosto e estremeço de leve.

Culpa do frio. Acho.

Entramos. E logo estamos acomodados lado a lado, conversando como manda o roteiro.

Aos poucos, começo a relaxar. Só percebo minha tensão quando ela se dissipa. Mas encontros com desconhecidos são sempre assim até tudo estar sob controle: ele não é estranho, a conversa está fluindo, estou me saindo bem. Está tudo bem.

Está tudo bem *demais*. Tanto que estou falando mais do que o normal. Alguma coisa na maneira como ele me olha faz com que eu queira compartilhar mais de mim. Ele está apenas me encarando, um sorriso calmo nos lábios, mas há uma sensação de segurança sendo transmitida. Uma sensação de conforto.

— Acho que preciso de um *drink* — solto de repente, não porque eu precise beber. Aliás, não bebo. Os efeitos do álcool podem causar reações que, sendo sincera, prefiro evitar.

Não, melhor manter as coisas sob controle.

Pedimos nossas bebidas — a minha não-alcóolica — e voltamos a conversar, trocando as informações costumeiras, como rotina, profissão, hobbies e gostos em geral. O encontro perfeitamente habitual e me sinto melhor ao constatar isso.

Uma garçonete entrega nosso pedido, meu *drink* saboroso o suficiente para não me fazer desejar que eu mesma o tivesse preparado, o que, infelizmente, acontece mais do que deveria.

Sinto estar realmente desfrutando a noite. Além do papo fluindo em níveis aceitáveis para um primeiro encontro, a música ambiente é agradável e me pego cantarolando vez ou outra, quando reconheço a canção.

Começo, então, a contar uma situação hilária que me aconteceu outro dia. Estava no escritório, atolada com uma tarefa de última hora. Era um dia próximo ao pagamento e, se eu

não desse andamento àqueles formulários, salários seriam atrasados e cabeças rolariam. A minha, já que era eu a responsável por resolver aquela pendência. O que era muito injusto, uma vez que não fui eu quem começou o pepino, eu estava em dia com minhas próprias atividades. De qualquer maneira, sendo justo ou não, sobrou para mim. Normalmente, consigo me posicionar e não deixo que abusem de minha pró-atividade, mas aquela era uma situação excepcional... Enfim, enquanto checava pela terceira vez um formulário que não estava batendo, eu...

Perco o fôlego.

Seu único gesto foi o de tirar uma mecha do meu rosto e suavemente colocá-la atrás de minha orelha.

Apenas isso e já esqueci quem sou.

Não, não é apenas isso.

Seus olhos me queimam e aprisionam os meus.

Não consigo falar. Não consigo me mover. Não consigo respirar. Céus, mal consigo pensar. Especialmente, não consigo entender essa tensão abrupta e completamente inesperada.

E ele continua me encarando.

Até que me beija.

Em um movimento, nossas bocas estão grudadas e enfim solto de uma vez o ar que prendia.

Levo um instante para assimilar o beijo, que começa suave, incerto, como quem explora um novo território. E então passo a sentir seus efeitos.

A sensação é boa. Na verdade, mais do que boa.

Quando sua mão encosta carinhosamente em meu rosto, meu peito explode e irradia luz e calor por todas as partes. Sinto uma proximidade que nada tem a ver com o fato de nossos corpos estarem quase unidos.

Nossas bocas se separam e nos encaramos por um segundo. Seus olhos espelham a mesma surpresa que os meus.

A pausa não dura mais do que um instante e, mais uma vez, nossos lábios se encontram. Dessa vez, sem incerteza alguma.

Sua mão está em minhas costas e então em meus cabelos e novamente em minhas costas, nos aproximando tanto quanto possível. Ele afasta de leve seu rosto do meu e sua língua passa devagar em meus lábios antes de novamente adentrar minha boca quase que com brutalidade.

Meu corpo começa a dolorosamente responder e solto um gemido involuntário.

Ele abre os olhos e para de me beijar por um segundo. Seu meio sorriso me indica que gostou do que ouviu.

Desesperada por mais, avanço para sua boca, mas ela recua, um esgar em meio ao rosto que me encara com ar de desafio.

Quero seus lábios nos meus. Preciso deles. Mas seu semblante me indica que não serei eu quem decidirá quando os terei de novo.

A eternidade dos segundos se finda e minha espera é recompensada.

Não há mais música. Não há qualquer outro som que não o de nossas respirações, pesadas, intensas, ritmadas.

Respondo ao seu beijo com furor, nossos corpos tão grudados que, mais um pouco estarei sentada eu seu colo.

Apenas pensar isso causa um revirar em minha barriga e um fisgar em meu baixo ventre. A dor entre minhas pernas chega de uma vez, aguda e pulsante, e o que preciso nesse instante é de alívio.

Ele percebe minha ânsia e, lentamente, sinto sua mão percorrer minhas costas em direção ao quadril. Seu dedo passa com leveza acompanhando o contorno de minha cintura, seu toque separado de minha pele apenas pelo tecido do vestido entre nós.

Sua mão finalmente chega em meu quadril e logo transita para minhas coxas. A cada contato provocado por seu dedo, uma nova onda de arrepios percorre meu corpo. Ele aperta minha coxa, eu mordo seu lábio. Então sua boca se desprende mais uma vez da minha e seus lábios atravessam o caminho até meu pescoço.

Ele me beija e mordisca, eu ofego e derreto.

Nossas bocas mais uma vez se encontram.

Sua mão continua o caminho até a barra do vestido e repentinamente para.

Não. O grito acontece em minha mente, mas é visualizado em minha íris.

Ele escuta ao me encarar e sabe que quero que continue. Com meu consentimento não verbalizado, avança.

Seu dedo vai ao encontro de minha calcinha e ele não demora a perceber o quanto já estou molhada.

Só mais um pouco, penso enquanto ele brinca por cima da renda inconveniente.

E tudo acaba.

Desorientada, percebo que ele se afastou e me encara como se nada tivesse acontecido.

Sou inferior a um grão de areia. Fui transformada em cinzas, em pó, em partículas, em nada, enquanto ele sorri inalterado.

Então a música me atinge e minha consciência retorna.

Meu Deus, estamos em um bar.

Olho ao redor preocupada se alguém poderia estar acompanhando nossa demonstração pública de afeto, mas ninguém parece preocupado com nós dois.

O que eu estava fazendo? Como eu permiti?

Não tenho tempo de entender, porque o pego olhando mais uma vez para mim, me analisando. Sua expressão é de quem me compreendeu muito mais do que o compreendi. Aliás, é de quem me compreendeu muito mais do que me compreendo. Não faço ideia do que ele está enxergando. Como ele pode saber algo sobre mim que eu não saiba?

Vejo o vislumbre de um brilho em seu olhar antes dele se levantar e me estender a mão.

Não sei como, mas consigo ficar em pé, ainda atordoada pelo beijo e por meus pensamentos. Caminho sentindo as pernas bambearem e rezo para que meu vestido ainda esteja no lugar.

Vamos até o próximo ambiente, mais vazio e mais escuro que o anterior. Sei que há uma banda tocando, mas não sei dizer por quantos integrantes ela é formada, tampouco consigo prestar atenção na música que preenche o recinto. Minha atenção está focada no homem que gentilmente me faz sentar antes de se acomodar a minha frente, do outro lado da mesa.

Quero avançar e diminuir a distância entre nós, mas não movo sequer um músculo. Algo em seu olhar me mantém onde estou, como se eu apenas pudesse ir ao seu encontro quando ele permitisse.

Ele então fala comigo em uma voz ao mesmo tempo imperativa e gentil. Fico confusa em um primeiro instante, sem entender o que ele me pede. Aliás, o *porquê* me pede.

Minha hesitação dá lugar à curiosidade e a algo em mim que não reconheço.

Obedeço.

Apoio meus antebraços na mesa, com uma palma da mão sobre a outra e os cotovelos abertos. A superfície é fria sob minha pele, mas não me incomoda.

As instruções continuam e, mantendo meus pés apoiados no chão, inclino o tronco para frente o máximo que consigo sem mover o quadril, ainda sem entender o que está acontecendo.

Ele sorri com malícia, aguardando até que eu compreenda.

Olho ao redor, preocupada em alguém estar prestando atenção em nós, mas, mais uma vez, não há ninguém nos observando. As poucas pessoas aqui presentes estão afastadas, aproveitando o show.

Volto a encará-lo. A malícia permanece, junto de algo mais.

Mergulho em seu olhar até encontrar nele essa coisa ainda não identificada e, no instante em que mais uma vez nos conectamos, eu descubro. Nele e em mim.

Desejo.

E é isso o que me faz entender por que estou sentada desse jeito.

— Agora eu quero que você rebole. Bem devagar.

Sua voz ressoa dentro de mim, incendiando meu corpo enquanto o percorre.

As chamas me fazem querer seguir o que ele me pede. Mas não posso.

Posso?

Há um duelo pairando no ar, porém não consigo dizer se a batalha está entre sua ordem e minha resistência ou entre ela e meu desejo.

Ele continua me encarando e a sensação de conforto que tenta me tomar desde o início do encontro me invade.

Abandono meus pensamentos e deixo que ele me guie.

Pressiono a púbis com mais intensidade na cadeira e o prazer se intensifica. Então,

conforme sua ordem, lentamente movo o quadril em um círculo. E em mais um. E em outro.

Quanto mais me entrego, melhor me sinto.

Jogo suavemente a cabeça para trás e mordo o lábio inferior com a vontade ardendo em mim e a vejo ser refletida na expressão que me encara satisfeita enquanto me masturbo atendendo a sua ordem.

Meus movimentos são discretos, mas por dentro tudo em mim grita.

A sensação física é ensurdecedora. Meu clitóris lateja e sinto a umidade de minha excitação. Porém, o que mais me dá prazer é a consciência sobre o que estamos fazendo e o poder que emana dele sobre mim enquanto abandono pouco a pouco meu próprio.

Pergunto-me se ele sente, neste instante, tanto tesão quanto eu. Imagino se está tão duro quanto quero que esteja e questiono quanto tempo demorará até que venha até mim.

Mas, por mais que meu corpo chegue a doer de vontade, não paro. Quase que hipnotizada, continuo rebolando, sentindo prazer, dando prazer a ele por me observar. Há um estranho jogo acontecendo entre nós e só o que quero é que a partida continue.

— Para.

Respiro fundo e imobilizo, a agonia tomando conta de mim pelo gozo não concretizado. *Preciso* de mais.

— Vá até o banheiro. — E aponta para a porta do sanitário para deficientes. — Apoie as mãos na parede. Feche os olhos e espere. Não tranque a porta.

A consciência me invade. Ele está sugerindo o que acho que está?

Minha expressão deve ter denunciado o medo congelante em minhas entranhas, porque seu olhar se suaviza e sua mão segura a minha, me aquecendo e me confortando.

— Confia em mim.

Assinto e me levanto. Porém, percebo que a batalha anterior não foi nada em comparação à que enfrento agora.

Caminho até o banheiro, o som do meu coração muito mais alto que o bumbo da bateria, meu medo muito mais agudo que os acordes da guitarra. Mas, tão grave e discreta quanto o baixo que escuto ao fundo é a excitação que reconheço sob todas as minhas camadas de receio, sob a voz que me diz que não devo fazer o que estou prestes a permitir.

Meu medo, reconheço, não é apenas a consciência de que não devo. É a consciência de que quero.

Paro em frente à porta.

Ninguém me vê.

Entro.

Faço o que ele me pediu.

Espero.

Sou um turbilhão de emoções. Sou medo, receio, dever, mas sou chamas, entrega, prazer.

Então a porta se abre e, em um clique, é trancada.

A luz automaticamente ligada revela tudo e não esconde nada entre nós.

Ele me encosta na parede e me beija em um ímpeto.

Entrelaço as mãos em seu pescoço e meus dedos percorrem seus cabelos. Sua boca mais uma vez suga a minha e arranca minhas reservas.

Escuto as respirações acelerarem na proporção que aumenta o desespero.

Ele me puxa pela cintura e a força com que me agarra intensifica meu desejo. Quando sua mão aperta minha bunda, gemo e instintivamente entrelaço minha perna em seu quadril.

Então eu o sinto tão duro quanto quero e fico na ponta dos pés para me esfregar ainda mais nele.

Suas mãos voltam a percorrer meu corpo e encontram meus seios. Em um movimento, ele afasta o vestido e meu sutiã, deixando meu peito descoberto.

Não por muito tempo.

Ele logo abocanha meu seio, chupando o mamilo endurecido e o lambendo até que eu não consiga conter um gemido. Enquanto me chupa, sua mão vai ao encontro do outro, apertando-o e fazendo com que eu me contorça no limiar entre a dor e o prazer que quase me enlouquece.

Alguém tenta entrar no banheiro e me assusto com o barulho.

Por um segundo, meu controle tenta ressurgir.

— Não ouça — ele me diz e sei que não se refere ao som vindo da porta.

O que você faria se não se importasse com o que os outros pensam de você?, a pergunta me toma de sobressalto.

Tento calar as vozes que me dizem para parar e me concentro naquela que me guiou até aqui.

Tento ouvir minha própria voz, audível apenas por minhas barreiras derrubadas.

Sei o momento em que meus olhos revelam a entrega, porque ele sorri ao enxergar minha permissão.

Então, ele se afasta e, quase com brutalidade, me vira de costas. Apoio as mãos na parede enquanto o sinto levantar meu vestido e afastar minha calcinha.

Ele se ajoelha e é quando quase morro de prazer.

Sua boca está entre minhas nádegas, sua língua explorando com vontade o orifício entre elas.

Gemo. Me contorço. Não resisto. Levo a mão entre minhas pernas porque preciso de mais.

O gesto faz com que ele me chupe com ainda mais intensidade e eu também intensifico a pressão dos meus dedos.

Ele se levanta e leva com ele meu vestido. Coloca as mãos em minha cintura e beija meu pescoço.

Ainda estou me dando prazer quando ele aproxima a boca de minha orelha e me chama de safada.

Sorrio instintivamente e, tomada por uma ousadia que ainda não conhecia, levo a mão que estava em mim à boca e chupo meus dedos, provando de meu próprio sabor.

Gosto de me sentir assim.

Então, ele me bate. O barulho de sua mão em minhas nádegas ressoa pelo banheiro e o calor da palmada me incinera.

Surpreendo-me ao ouvir a voz sair de minha boca pedindo que ele repita.

Ele não hesita e me bate mais uma vez.

A dor é deliciosa, libertadora, e me contorço de prazer.

Quero mais, e ele sabe disso. Então puxa meu cabelo, fazendo com que minha cabeça arqueie, e me bate mais uma vez.

Nunca senti tanto tesão.

Ele me vira de novo e estamos frente a frente. Seguro a barra de sua camiseta com ânsia de encostar em sua pele, precisando sentir o contato dela com a minha.

Ele nega, impedindo minhas mãos de se moverem.

Suplico em um fio de voz.

Ele consente e retiro sua camiseta com sofreguidão. Quando sinto o calor de sua pele sobre a minha, quase entro em uma espécie de êxtase.

Ele volta a me beijar, mais uma vez puxando meu cabelo, e minhas mãos exploram seu peitoral, suas costas, toda e qualquer superfície de pele em que puderem tocar.

Então elas descem até encontrar o zíper de sua calça.

— É isso que você quer?

Assinto, porque tê-lo em mim é tudo o que mais quero.

Ele abre a braguilha e afasta a cueca o suficiente apenas para que seu pênis fique livre.

Quando olho para ele, completamente rígido e vermelho, sinto a boca encher de água. Ele percebe e me faz abaixar, em direção ao que quero que ele me dê.

Massageio seus testículos enquanto minha língua percorre toda sua extensão, da base até a cabeça. Detenho-me logo abaixo dela, lambendo a pele ali presente.

Olho para ele e, ao vê-lo se contorcer de prazer, não resisto e sorrio. Seu tesão me estimula ainda mais e minha boca o rodeia, meus lábios fazendo a sucção.

Ele respira fundo enquanto o chupo e seu olhar se prende ao meu.

Não sei quanto tempo passa, só sei que aproveito cada instante.

— Levanta — ordena em rouquidão.

Faço na mesma hora o que ele manda, a excitação percorrendo cada milímetro do meu corpo.

E então, ele pede que eu erga os braços acima da cabeça e segura os dois contra a parede. Com sua mão livre, ele mais uma vez afasta minha calcinha e enterra os dedos em mim, fazendo com que eu gema de satisfação.

— Percebeu que você fez o que eu mandei a noite inteira? — sussurra em meus ouvidos.

— Você adorou, não adorou?

Mal consigo balançar a cabeça em concordância.

— E vai continuar fazendo o que eu mandar. Sabe por quê? — Ele não aguarda minha resposta. — Porque você é minha.

Ele retira os dedos de mim de forma bruta e, ainda segurando meus braços, entra em mim com força.

Minha cabeça gira ao sentir o maior prazer que já pude sentir e encaro o espelho ao meu lado.

Mechas desfeitas. Maquiagem borrada. Vestido no chão.

Não sou quem eu era. Não sou quem eu deveria ser.

Sou *eu*. Mais livre do que já fui.

Através da entrega, recebi tudo que poderia.

Sou dele e finalmente pertenço a mim mesma.

O começo de tudo



"And I'm feeling good"
FEELING GOOD, Nina Simone

Aqui uma dica: se seu celular tocar no meio da tarde e quem estiver ligando for seu futuro ex-chefe — estou de aviso prévio, então o nome faz sentido — não atenda. Sério. Só pode ser cilada.

Porque seu chefe nunca vai te ligar para dizer coisas como "Olha só, acordei com uma vontade enorme de te dar um aumento!". Se ele — ou ela — quiser fazer isso, vai te chamar para uma reunião no meio do expediente, o que possivelmente vai causar um mini-infarto, já que você vai se preparar para ser despedido. Agora, se você receber uma ligação, acredite: precisam de você. E não de um jeito fofo, como você espera que um dia um *crush* seu diga que precisa.

Se eu tivesse escutado esse conselho de alguém, poderia ter ignorado a chamada, meu chefe teria tentado contatar outro funcionário e eu não estaria fazendo hora extra agora. Mas não. Estava tão desesperada para ouvir meu telefone tocar que atendi sem mal ter visto quem era, na esperança de que fosse a ligação tão desejada.

Acho que só teria sido mais decepcionante se fosse algum telemarketing me ligando.

Se bem que aí era só ter fingido que o sinal caiu e desligar. Continuaria frustrada, mas eu seria uma frustrada que não precisou fazer hora extra.

Não é que eu odeie meu trabalho. Na verdade, gostei muito do tempo que passei aqui no bar. Gostava da interação com as pessoas e de trabalhar em um horário diferente, especialmente porque sempre fui notívaga. Aliás, a interação muitas vezes passava longe de ser um ponto alto, mas adorava conhecer novas histórias, ver tantas coisas acontecendo simultaneamente.

Mas agora que decidi sair, que estou prestes a mudar de vida... simplesmente não faz mais sentido estar aqui. É um capítulo encerrado, então me falta motivação para continuar.

Como não tenho escapatória, melhor parar de me lamentar e colocar as mãos à obra. Ao menos ao final desta noite terei riscado mais um dia rumo à minha nova vida.

E, ponderando melhor, se eu tivesse ficado em casa e depois vindo trabalhar em meu

horário normal, teria passado um tempo a mais pensando no que não devo. Em quem não devo.

Ótimo! Acho que vou mandar uma mensagem agora mesmo para meu chefe agradecendo pela oportunidade de ouro, que ter entrado mais cedo para estar presente no aniversário da sobrinha dele era tudo de que eu mais precisava!

Ok, Clara, menos. Só faça o que você tem que fazer.

Ao menos as coisas estão bastante tranquilas. Poucas pessoas compareceram, só tem uma área do bar aberta para a comemoração e não preciso preparar nenhum *drink* alcóolico. A banda que vai se apresentar hoje está passando o som no outro ambiente e sendo supervisionada por um dos seguranças, então não tem muito o que ser feito.

Olho em direção aos adolescentes para garantir se alguém quer fazer um pedido, mas ninguém parece interessado em meus serviços. Estão todos se divertindo demais para querer alguma coisa.

Se bem que a aniversariante não parece assim tão contente. Ela e a garota que foi a primeira convidada a chegar mal levantaram, enquanto os demais não param sentados. Se não soubesse que ela é a anfitriã, arriscaria no palpite de que é a convidada deslocada, que foi chamada apenas porque seria chato não fazer isso.

Sinto uma súbita compaixão. Se fosse meu aniversário, eu gostaria de estar com um sorriso de orelha a orelha, aproveitando cada segundo. Ficar como se estivesse em meu próprio enterro seria a última das minhas vontades.

Ela precisa de um conforto, de algo que a anime.

Se eu fosse ela, o que gostaria de receber?

Algo inesperado, concluo, que provoque sorrisos.

Logo imagino Ana, minha melhor amiga, chegando com uma caixa. Fecho os olhos para deixar o pensamento fluir e conseguir visualizar o que teria lá dentro.

Abro a tampa. Tiro o papel de seda.

Encontro um vibrador.

Ah. Isso certamente seria inesperado. Provocaria sorrisos. E conforto.

Meu Deus, qual é meu problema? É de uma garota de 17 anos que estamos falando! E estou em um bar, não em uma *sex shop*, por que raios teria um vibrador por aqui?

Olho ao meu redor a procura do que poderia fazer por ela, tentando ignorar o motivo dessa minha ideia — Freud certamente se deliciaria. Mas só vejo álcool, e embora ele seja útil em muitas ocasiões, não se aplica à garota em questão.

Já sei!

Fico imediatamente feliz com a ideia. Vou fazer uma porção caprichada de fritas! Teoricamente, eu não deveria. Mas o tio dela não vai reparar. E se reparar, ele não seria sovina assim com a própria sobrinha, seria?

Se for, ele que desconte do meu salário. Minha missão agora é fazer essa menina sorrir!

Assim que entro na cozinha, começo a esquentar o óleo. Enquanto isso, procuro o queijo e o bacon já fatiados.

Em quinze minutos, tenho em mãos uma das porções mais bonitas que já preparei. Fico tão orgulhosa de mim que a levo até a mesa toda sorridente.

Vejo a surpresa nos olhos da garota quando me aproximo. Ponto para mim, ela realmente não esperava por essa!

Assim que viro de costas, percebo os outros adolescentes já se aproximando para atacarem a porção. Minha vontade é de me transformar em uma barreira entre eles e as batatas. Agora eles querem ficar perto dela, é?

Porém, volto para o bar, tento ser madura e torço para que a porção os aproximem. Batata-frita tem o poder de conectar pessoas.

Foi assim com nós dois também.

Eu estava com pressa naquela tarde e entrei em um desses estabelecimentos que vendem fritas no cone pensando em comer um no ônibus. Com pressa, muita fome e na dúvida de quais condimentos colocar, mal prestei atenção na pergunta do vendedor e aceitei todos. Foi quando o notei ao meu lado, esperando o cone dele. Ele arregalou os olhos com meu pedido e, quando percebeu que eu o estava encarando, confusa por sua reação, ele soltou "Isso é um sacrilégio com as batatas. É como ir em uma sorveteria por quilo e colocar todas aquelas porcarias que não te deixam sentir o sabor do sorvete".

Foi o que bastou para começarmos a conversar. Saí de lá com as fritas, os condimentos e uma mensagem dele em meu WhatsApp para que eu salvasse seu número.

Sorrio com a recordação. Então imediatamente me lembro do término e a sensação gostosa de antes é substituída por um aperto no peito.

Essa é a fase que mais detesto em uma separação. Embora a percepção de que acabou seja a mais dolorosa, é essa posterior a que mais prega peças na gente.

É nessa época que as lembranças chegam do nada. Qualquer coisa é motivo para lembrar. Que quando você menos espera, já está pensando em tudo, mais uma vez.

Ele não está mais aqui, mas está comigo o tempo todo.

Às vezes, é algo como uma porção de fritas que me faz recordar. Em outras, é minha própria mente a responsável. Como quando comecei a cantarolar do nada uma música que me faz lembrar dele, sem que eu a tivesse escutado em outro lugar. Simplesmente comecei a ouvi-la em minha cabeça e, quando percebi, era a música *dele*.

Nossa música.

Não posso pensar nisso agora. Aliás, não posso pensar nisso de forma alguma.

Felizmente, já está na hora dos adolescentes irem embora. O bar vai abrir logo mais e eles não podem estar aqui quando isso acontecer.

Fico olhando enquanto eles começam a se despedir e irem para a saída. A aniversariante se levanta, olha em minha direção e acena. Faço um cumprimento com a cabeça e espero a mesa estar livre para poder limpá-la.

Assim que todos saem, cumpro minha função no automático. Já estou munida de pano e álcool, que serão passados assim que eu retirar todos os guardanapos, copos, pratos e o que

mais tiver sido deixado sobre a mesa.

Quando estou finalizando, vejo os outros funcionários chegarem. Somos, ao todo, cinco *bartenders*, e meu chefe já está em busca de alguém para me substituir para não deixar a equipe desfalcada com minha saída.

Meu sonho é fazer um intercâmbio. Por isso, trabalhar sempre foi uma necessidade, mesmo que não seja fácil conciliar com os estudos. Fiz de tudo nos anos de ensino médio e cursinho: fui vendedora em lojas, caixa em supermercados, qualquer coisa que me pagasse um salário para ser guardado na Poupança do Intercâmbio. Depois de entrar na faculdade, procurei estágios na área, mas não foi fácil de encontrar, ainda mais por eu fazer Moda. Por fim, encontrei a vaga neste bar. Tive dificuldade em conciliar os horários, mas facilitou o fato de eu não precisar trabalhar todos os dias. Assim, consigo pegar algumas matérias nas manhãs em que não trabalho na véspera e outras nas noites em que estou de folga.

E então a oportunidade da viagem finalmente surgiu. Eu tenho dinheiro guardado e encontrei uma faculdade nos EUA conveniada com a minha. E, o mais importante de tudo, ano que vem será meu último ano como universitária. Já estendi ao máximo minha graduação, então ou vou agora ou não vou mais. Ir como intercambista já está sendo difícil; tirar um ano sabático e pagar um curso à parte no exterior é fora da minha realidade.

Então estou vivendo aquele misto de expectativa e receio pelo que está por vir. Estou empolgada: afinal, é do meu sonho que estamos falando. Mas também estou com medo: afinal, é do meu sonho que estamos falando. E se for uma droga e eu ficar frustrada?

Mas, além de tudo, tem a grande ironia, dando um sabor completamente agridoce à situação.

Porque é justamente pelo fato de eu estar prestes a realizar meu sonho que também precisamos terminar.

“Terminar”. Terminar o que nem começamos.

Como pode uma coisa que nem aconteceu oficialmente ter significado o mundo? Como posso dizer que “nem aconteceu” quando tudo aconteceu?

Foi incrível do começo ao fim. Enquanto não encarávamos o futuro, nos permitimos viver o presente que tínhamos. E foi maravilhoso. Mas chegou a hora de darmos um passo a mais. E foi quando descobrimos que não havia para onde caminhar. Os meses que passamos juntos foram intensos, mágicos e tão cheios de respeito um pelo outro que precisamos pôr um ponto final justamente por nos respeitarmos tanto assim.

Não posso colocar o sonho de uma vida de lado porque conheci alguém há poucos meses. E não posso fazer alguém me esperar ou se sujeitar a viver um relacionamento à distância — o oposto do que ele quer para ele — só porque eu não me incomodaria de ter um relacionamento assim. Eu adoraria que ele estivesse disposto a isso, mas ele tem os próprios motivos para não querer.

Talvez ele não goste tanto assim de mim, como gosto dele.

Essa é a voz que fica repetindo isso em minha mente desde que nos demos conta de que não havia o que ser feito, que queríamos coisas diferentes e estávamos diante de um impasse.

Significou tanto para mim que morro de medo de não ter significado o mesmo para ele.

Não, Clara, respondo. *Ele gostar de você não faz com que ele se esqueça do que importa para ele. E você admira isso nele, como admira o mesmo em você.*

Significou. Eu sei que significou para ele também. Pode ter marcado a nós dois e ainda assim ele querer outra coisa. Eu também estou pensando no melhor para mim, não estou?

A vida, às vezes, sabe ser uma grande bosta.

E o cliente sentado no balcão em que estou atendendo parece pensar o mesmo. Seu olhar é tão desolado que sei que está aqui em busca do consolo provocado pelo álcool. Depois de um tempo trabalhando em um bar, começamos a ficar mais sensíveis para perceber os tipos de clientes. Ou esse aqui foi demitido, ou descobriu um caso de doença na família, ou — o mais clássico de todos — sofreu uma desilusão amorosa.

É, amigão. Eu te entendo.

Já que não posso tomar um *drink* por mim, encho uma nova dose e ofereço para ele. Sei que ele estava prestes a pedir outra, então adiantei o serviço.

Ele agradece e vira o copo quase que em um só gole.

Desilusão das grandes. Certeza.

Tomei um porre com a Ana quando ele terminou comigo. Eu sabia que estava para acontecer, mas saber não fez com que doesse menos. E aí, dá-lhe vodka para amortecer.

Como a dor continuou e não tenho a intenção de desenvolver um vício com álcool, precisei procurar outras formas de me distrair. E, obviamente, fui estúpida o bastante para mandar mensagem para um cara com quem eu costumava sair.

Minha intenção era uma só — e devo admitir que ele cumpriu muito bem com a função. Tanto que, durante o sexo, me peguei pensando várias vezes em por que tínhamos parado de sair. Foi só acabarmos para eu me lembrar. Passei as duas horas seguintes mais insuportáveis da minha vida, ouvindo-o falar sem parar sobre si mesmo.

Sinceramente, amigo? Não adianta nada ter um equipamento dos grandes — e dos bons — se seu ego for maior.

Álcool riscado da lista. Sexo riscado da lista.

Só me sobrou fazer hora extra no trabalho no qual nem ao menos vou continuar.

Já disse que a vida sabe ser uma grande bosta de vez em quando?

Volto a focar em meus afazeres. Eles ao menos são mecânicos, não exigem grandes reflexões e me mantêm ocupada.

O bar está cada vez mais cheio e mais pessoas se direcionam para o outro ambiente, motivadas pela banda que está prestes a iniciar seu show. Entre elas, vejo um casal que atendi mais cedo.

Eles parecem hipnotizados um pelo outro e, se eu tivesse que chutar, arriscaria que é o primeiro encontro. Quase sinto daqui a tensão sexual e a expectativa ao redor deles e, por um momento, sinto falta de sentir a mesma coisa.

Mas não permito que a sensação dure. Preciso de foco.

Olho ao redor, procurando alguém que esteja esperando para ser atendido. Vejo uma moça sentada sozinha, imóvel. Ela encara tão fixamente o próprio celular que tenho minhas dúvidas se está realmente o enxergando ou pensando em qualquer outra coisa que não o aparelho telefônico.

Noto que não há nenhum copo em sua mesa. Não sei há quanto tempo ela está sentada ali, mas certamente não foi atendida ainda.

Encontrei minha próxima tarefa!

Pego um cardápio e me encaminho até ela. Quanto mais me aproximo, mais percebo que tem algo errado. Ela não parece confortável em estar aqui.

Peço licença e pergunto se ela já foi atendida. Ela me olha tão assustada que não sei como aceita o menu.

Digo, com o máximo de gentileza, que posso para ela me chamar quando quiser fazer o pedido e me afasto para dar espaço a ela. Sei reconhecer quando os clientes precisam de um tempo para si.

Agora o bar está definitivamente cheio e não preciso mais procurar tarefas para me distrair, elas surgem por conta própria.

Preparo drinks, recolho copos, anoto pedidos. Ando pelo bar, retorno ao balcão.

A noite transcorre em um piscar de olhos.

Quando dou por mim, os clientes já estão indo embora. A banda parou de tocar no ambiente ao lado e é o som do DJ que mantém a música de fundo.

Meus pés doem. Nem me lembro da última vez que sentei e preciso fazer isso, nem que seja por alguns segundos. Porém, não posso fazer isso aqui, a casa ainda não está vazia.

Hora de colocar minha tática em ação.

Ok, não é nada demais. E é o que todo mundo por aqui faz também. Mas chamar de “minha tática” dá todo um ar solene para a coisa e intensifica a sensação em si.

Ando mais rápido em direção ao banheiro de deficientes. Ele quase sempre está livre e, por ser individual, me dá a chance de ficar trancada por uns minutinhos, sentada no vaso.

Mais importante, é o mais limpo de todos os banheiros. A essa hora, a rua provavelmente é mais limpa que os outros sanitários. Eca.

Quando estou quase chegando, já sinto o alívio me invadindo, a sensação boa de saber que dentro de instantes estarei sentada.

Chego. Paro em frente à porta. Giro a maçaneta.

Como assim trancado?!

Qual o problema das pessoas em usarem o outro? Esse é meu banheiro!

Cogito ficar na porta esperando quem quer que esteja lá dentro sair e então me dou conta de que não posso fazer isso.

Resignada, volto para o outro ambiente e continuo com os trabalhos finais.

Pouco a pouco, esqueço da dor no pé. E, conforme tudo fica arrumado, os últimos clientes

vão embora.

Hora da checagem final.

Conferimos se há objetos esquecidos, se há qualquer sujeira não recolhida, se tudo está em seu devido lugar.

Os funcionários começam a ir embora e preciso esperar todos saírem para também ir. Não bastasse ter feito hora extra, hoje é meu dia de fechar o bar.

Assim que fico sozinha, confiro as luzes e apago todas, deixando apenas a da entrada acesa.

Insiro a senha e ligo o alarme.

Apago a luz.

Saio.

A noite está gostosa. Há um vento um pouco mais frio soprando de vez em quando, mas o céu está estrelado e a temperatura, amena.

Enquanto tranco a porta, percebo o quanto estou cansada.

Apesar disso, foi uma noite boa. Quer dizer, foi uma noite normal, nada demais aconteceu, mas também não tivemos nenhum incidente. Deu tudo certo com o aniversário, a casa estava cheia, nenhum dos clientes era bizarro ou algo do gênero.

— Clara?

Quase morro de susto ao ouvir meu nome.

E meu coração para assim que me viro e vejo Hélio me encarando.

— Desculpa te assustar. Não era minha intenção! Eu só precisava... ver você.

Estou muda.

Faz um mês desde que terminamos e não nos falamos desde então. Passei as últimas semanas desejando uma mensagem, uma ligação, um sinal de fumaça que fosse, e sabendo que nenhum deles viria. E por mais que falar com ele fosse tudo que eu quisesse, não esperava vê-lo aqui.

— Como você tem passado? — Ele me pergunta, tentando quebrar o silêncio.

— Bem, acho — finalmente falo algo. Pigarreio antes de continuar — E você?

— Bem, na medida do possível. — E me dá um sorriso contido.

É a primeira vez que mentimos um para o outro.

Nada disso está sendo “bem”. Em medida alguma.

— Sei que já conversamos — ele continua —, mas quanto mais eu penso em tudo, mais eu acho que fiz uma grande cagada.

O comentário me faz rir, apesar da melancolia da situação.

— Não fez. Você escolheu o que te faria melhor. Você sabe que não te culpo por isso, né? Eu realmente entendo que não dava — falo e abaixo a cabeça, tentando conter as lágrimas. Compreender, mais uma vez, não faz com que doa menos.

— Eu sei e saber disso é uma prova ainda maior do quanto eu estou desperdiçando. Você

é maravilhosa, Clara.

— Você também é. — Sorrio com carinho para ele. — Nós dois somos e concordamos que não dá para insistir em algo que vai fazer mal pra gente. A gente não merece isso!

— Mas não precisa fazer mal — ele diz se aproximando de mim.

— Mas vai. Você não quer um relacionamento a distância. E eu vou estar distante.

— Eu não queria um.

Olho para ele com receio. Posso estar entendendo o que quero que ele diga, não o que realmente diz.

— Eu não queria um relacionamento a distância — ele continua, percebendo minha confusão e expectativa. — Mas também não quero ficar sem você. Se para isso eu tiver que encarar a distância, então que seja. Quero mais você do que não quero a relação assim.

Ele disse. Ele disse o que eu mais queria que dissesse.

Ele me quer. Quer ficar comigo, assim como quero ficar com ele.

Mas e se for só a dor da separação falando alto?

— Não estou falando da boca pra fora, Clara. Não é uma decisão impulsiva, só porque está ruim ficar sem você. Eu não faria isso com você, não faria isso com a gente. Você merece alguém que te ame, que te queira por quem você é, e não pra te fazer de curativo. E eu te amo, Clara. E te quero por inteiro.

Não consigo me conter. Estou rindo e chorando e, quando percebo, já estou abraçada nele e estamos nos beijando.

O beijo é saudade, é alegria, é expectativa, é amor.

O beijo é quem somos, é tudo que vivemos e o que temos para viver.

— Deixa eu te levar pra casa? — Ele pergunta com a testa encostada na minha, uma mão em minha cintura e outra em meu queixo.

— Pode me levar pra onde quiser! — E volto a beijá-lo.

Começo a fazer o *check-list* mental:

Estou com a depilação em dia?

Sim!

Minha menstruação já acabou?

Sim!

Meu sutiã combina com a calcinha?

Sim! Os dois são daquele bege horrível e sem graça, mas pelo menos combinam.

Meu sutiã ou calcinha estão furados?

Droga. Ausência de furos eu garanto, mas elástico gasto pode ser um problema.

Qual é, roupa íntima velha é a mais confortável.

Quando conseguimos nos largar, damos as mãos e vamos até o carro dele sorrindo como dois adolescentes, como se nada de ruim tivesse acontecido. Como se nunca tivéssemos nos separado.

Já disse que a vida, de vez em quando, pode ser uma grande surpresa?

A autora





Crédito da foto: Ingrid Benicio

Aione Simões é paulistana de nascimento e mogiana por vivência. Libriana com ascendente em Capricórnio, fugiu de sua formação em Nutrição para viver de livros: comanda o blog e canal no YouTube Minha Vida Literária desde 2011 e cursa Letras na USP desde 2015. Leitora apaixonada por romances e chick-lits, não dispensa um bom thriller, principalmente os policiais e psicológicos. Conhecida por Mi, A, Iô, One ou qualquer outra coisa certamente mais fácil do que seu nome, precisa de chocolates para viver tanto quanto dos livros.

Você pode encontrá-la em várias de suas redes sociais.

Site | Canal no Youtube | Instagram | Facebook | Twitter

VIDAS NA NOITE



Uma antologia de contos de

Aione Simões